TORNANDO-SE PROFESSORA NO ENSINO COLETIVO DE SOPROS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA LICENCIANDA EM MÚSICA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Comunicação

GTE 07

Dauana Patrizia Tirloni
Universidade Federal de Mato Grosso
sw44an@gmail.com

Luiz Francisco de Paula Ipolito
Universidade Federal de Mato Grosso
luiz.ipolito@ufmt.br

Resumo: Este relato de experiência apresenta reflexões sobre o processo de formação docente de uma licencianda em Música a partir de sua atuação na classe de Ensino Coletivo de Sopros do projeto de extensão Escola de Música da UFMT (EMUS), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). O trabalho tem como objetivo compreender de que maneira a vivência em um contexto real de ensino contribuiu para a construção de saberes pedagógicos, da identidade docente e da articulação entre os conhecimentos desenvolvidos na graduação e a prática educativa. A experiência é narrada sob a perspectiva da licencianda, abordando os desafios enfrentados ao assumir a condução de uma turma heterogênea, composta por estudantes de diferentes idades, níveis de aprendizagem e instrumentos, bem como o processo de planejamento das aulas, elaboração de repertórios, adaptação de estratégias metodológicas e desenvolvimento da prática pedagógica em uma perspectiva dialógica. A análise da experiência fundamenta-se em referenciais sobre ensino coletivo de instrumentos, extensão universitária e formação de professores, permitindo compreender a extensão como espaço privilegiado para a aprendizagem da docência. Os resultados evidenciam que a atuação no projeto favoreceu o desenvolvimento da autonomia, da capacidade de reflexão sobre a prática, da mediação pedagógica e da compreensão do ensino de música como um processo colaborativo, humanizador e socialmente comprometido, reafirmando o potencial da extensão universitária como ambiente de formação inicial de educadores musicais.

Palavras-chave: Ensino Coletivo de Sopros; Extensão Universitária; Identidade Docente.

Introdução

A formação de professores de música envolve a articulação entre conhecimentos teóricos, experiências práticas e processos contínuos de reflexão sobre a ação docente. Nesse sentido, a formação inicial ultrapassa a apropriação de conteúdos específicos da área e pressupõe a inserção do licenciando em contextos reais de ensino, nos quais seja possível experimentar, observar, planejar, ensinar, avaliar e ressignificar sua prática pedagógica. Como destaca Tardif (2014), os saberes docentes são constituídos na relação entre diferentes conhecimentos e nas experiências construídas ao longo do exercício da docência. Para além dessa mobilização individual, Pimenta (1999) e Nóvoa (2019) reforçam que a identidade profissional e os saberes pedagógicos se consolidam na reflexão permanente sobre o trabalho educativo e nas transformações do cotidiano escolar e universitário.

No campo da Educação Musical, a universidade tem buscado ampliar esses espaços formativos por meio de projetos de extensão que aproximam os licenciandos da comunidade, possibilitando que a prática docente seja vivenciada antes mesmo da realização dos estágios curriculares obrigatórios. Nessa perspectiva, a extensão universitária deixa de assumir apenas uma função de prestação de serviços e passa a constituir-se como um ambiente de produção de conhecimentos, formação profissional e interação dialógica entre universidade e sociedade (Cruvine 2017; Barbosa, 2006).

Entre essas possibilidades, o ensino coletivo de instrumentos musicais tem se consolidado como uma importante estratégia de democratização do acesso à educação musical, favorecendo processos de aprendizagem fundamentados na colaboração, na interação entre os estudantes e na construção coletiva do conhecimento. Além do desenvolvimento técnico-musical, esse contexto apresenta desafios pedagógicos que exigem do futuro professor constantes processos de observação, tomada de decisões, adaptação metodológica e reflexão sobre sua própria prática (Cruvinel, 2005; Da Cruz et al., 2022).

Foi nesse contexto que se desenvolveu a experiência relatada neste trabalho, realizada na turma de Ensino Coletivo de Sopros do projeto de extensão Escola de Música (EMUS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A atuação como professora em formação possibilitou vivenciar situações relacionadas ao planejamento das aulas, à organização de repertórios, à condução de uma turma heterogênea e à mediação dos processos de ensino e

aprendizagem, constituindo-se como um espaço privilegiado para a construção da identidade docente.

Diferentemente de um relato descritivo das atividades desenvolvidas, este trabalho procura evidenciar como a experiência extensionista contribuiu para a formação profissional da licencianda, permitindo compreender os desafios, as aprendizagens e as transformações ocorridas ao longo do processo de atuação pedagógica. Assim, o foco do relato desloca-se das ações realizadas para as reflexões produzidas a partir delas, reconhecendo a experiência como elemento constitutivo da formação do professor.

Dessa forma, este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre as contribuições da atuação em uma turma de Ensino Coletivo de Sopros do projeto de extensão da EMUS para a formação docente de uma licencianda em Música, discutindo como as vivências construídas nesse contexto favoreceram o desenvolvimento de saberes pedagógicos, da autonomia profissional e da compreensão da docência como um processo de aprendizagem permanente.

Contexto

A experiência relatada neste trabalho foi desenvolvida no projeto de extensão da UFMT, vinculado a departamento de artes. Criado com o propósito de aproximar a universidade da comunidade, o projeto oferece cursos gratuitos de musicalização e prática instrumental destinados a diferentes públicos, contemplando crianças, jovens, adultos e idosos. Além de promover o acesso ao ensino de música, a EMUS constitui-se como um espaço de formação inicial para estudantes da Licenciatura em Música, possibilitando que vivenciem situações concretas de planejamento, ensino, acompanhamento e avaliação em contextos reais de aprendizagem.

Após sua reestruturação pedagógica, a EMUS passou a organizar suas atividades por meio de um núcleo composto por docentes responsáveis pelo acompanhamento das ações formativas, planejamento coletivo das aulas e orientação dos licenciandos envolvidos nas diferentes turmas. Essa organização favorece a integração entre ensino, pesquisa e extensão, permitindo que os estudantes assumam gradativamente responsabilidades docentes, sempre

acompanhados por professores orientadores e por momentos sistemáticos de planejamento e reflexão sobre a prática.

Entre as turmas ofertadas pelo projeto encontra-se a classe de Ensino Coletivo de Sopros, contexto no qual esta experiência foi desenvolvida. A proposta da turma fundamenta-se nos princípios do ensino coletivo instrumental, reunindo estudantes iniciantes em diferentes instrumentos da família dos sopros. A formação heterogênea da turma, composta por instrumentos de distintas características, extensões, mecanismos e afinações, exige constante adaptação das estratégias pedagógicas, do repertório e das atividades desenvolvidas durante as aulas.

Outro aspecto marcante desse contexto refere-se à diversidade do perfil dos estudantes. Além das diferenças de idade e de experiências musicais anteriores, cada participante apresentava ritmos próprios de aprendizagem e expectativas distintas em relação ao curso. Essa heterogeneidade tornou-se um dos principais desafios do planejamento pedagógico, exigindo a construção de propostas que favorecessem a participação coletiva sem desconsiderar as necessidades individuais de cada aluno.

As aulas eram planejadas coletivamente pelos licenciandos juntamente com os professores orientadores, contemplando momentos de técnica instrumental, desenvolvimento da leitura musical, prática de conjunto, jogos musicais e construção de repertório. Mais do que o desenvolvimento técnico dos instrumentos, buscava-se criar um ambiente de aprendizagem pautado na escuta, na colaboração entre os participantes e na valorização das experiências musicais trazidas pelos próprios estudantes.

As práticas coletivas junto aos alunos da EMUS foram propostas para que o diálogo ocorresse não somente entre os professores orientadores e os professores das turmas, mas de forma coletiva com as classes, em um processo de desconstrução didática no qual as ideias e formas não são impostas, mas mediadas pelo professor da turma.

Foi nesse contexto que iniciei minha atuação como licencianda responsável pela turma de Ensino Coletivo de Sopros. Embora minha formação instrumental não contemplasse todos os instrumentos presentes na classe, a experiência representou uma oportunidade de compreender a docência para além do domínio técnico-instrumental, exigindo estudo permanente, planejamento, diálogo com os estudantes e reflexão constante sobre as decisões

pedagógicas tomadas ao longo do semestre. Essas vivências constituem o foco das reflexões apresentadas na seção seguinte.

Desenvolvimento da experiência

Assumir a turma de Ensino Coletivo de Sopros representou um dos primeiros contatos com a docência em um contexto real de ensino. Até então, grande parte das discussões sobre planejamento, metodologias e organização das aulas havia ocorrido no âmbito das disciplinas da graduação. Entretanto, ao ingressar na EMUS, compreendi que ensinar música envolve muito mais do que aplicar conteúdos previamente estudados; exige observar os estudantes, compreender suas necessidades, adaptar estratégias e tomar decisões constantemente durante o processo de ensino.

Nas primeiras semanas de atuação, um dos aspectos que mais despertou minha atenção foi a heterogeneidade da turma. Os estudantes apresentavam diferentes faixas etárias, experiências musicais e níveis de desenvolvimento instrumental. Alguns já possuíam contato prévio com a leitura musical, enquanto outros iniciavam sua primeira experiência com um instrumento. Além disso, a turma reunia instrumentos de famílias distintas, com características técnicas e afinações específicas, tornando evidente que uma única estratégia dificilmente atenderia às necessidades de todos os participantes.

Para sanar os desafios práticos decorrentes dessas disparidades, como no caso da leitura musical da turma, que possuía níveis bastante desiguais, implementamos estratégias didáticas baseadas em atividades de coordenação motora, jogos de eco ritmico, leitura relativa, e arranjos progressivos divididos por camadas de complexidade. Por exemplo, enquanto os alunos com níveis de conhecimento mais avançado realizavam a leitura de melodias na partitura tradicional, os iniciantes executavam notas mais simples. Esse tipo de dinâmica em pequenos grupos heterogêneos permitiu integrar os alunos no mesmo ambiente musical sem travar o avanço dos mais experientes e sem gerar frustração nos iniciantes.

Essa realidade provocou, inicialmente, certa insegurança. Minha formação instrumental não contemplava todos os instrumentos presentes na turma e, por diversos momentos, questionei como conseguiria orientar estudantes que executavam instrumentos com os quais eu possuía pouca familiaridade. Aos poucos, entretanto, compreendi que a

atuação docente não depende exclusivamente do domínio técnico de cada instrumento, mas da capacidade de organizar situações de aprendizagem, mediar processos coletivos e construir conhecimentos em parceria com os estudantes e com os professores orientadores. Muitas vezes, foi necessário estudar previamente determinados aspectos técnicos dos instrumentos, consultar materiais didáticos, dialogar com outros professores e antecipar possíveis dificuldades antes das aulas. Esse movimento de preparação tornou-se parte importante do meu próprio processo de formação.

Os encontros de planejamento desempenharam papel fundamental nesse percurso. Antes de cada aula, discutíamos os objetivos pedagógicos, avaliávamos as atividades desenvolvidas anteriormente e planejávamos as estratégias para os encontros seguintes. Esse espaço coletivo de reflexão permitia compreender que o planejamento não constitui um roteiro rígido, mas um processo aberto, constantemente reelaborado a partir das respostas dos estudantes durante as aulas. Em diversas situações, atividades cuidadosamente planejadas precisaram ser adaptadas diante das dificuldades ou dos interesses manifestados pela turma, evidenciando que ensinar também significa aprender a reorganizar o próprio planejamento.

Outro aspecto que marcou profundamente minha experiência foi a construção coletiva das decisões pedagógicas. Em diferentes momentos procuramos ouvir os estudantes sobre suas expectativas em relação ao curso, suas preferências musicais e suas dificuldades. As rodas de conversa realizadas antes e após algumas atividades contribuíram para que eles participassem ativamente do processo de aprendizagem, permitindo que suas experiências e interesses fossem considerados na organização das aulas. Essa postura aproximou o trabalho desenvolvido de uma perspectiva dialógica, em que professor e estudantes compartilham responsabilidades na construção do conhecimento, conforme propõe Freire ao compreender o ensino como um processo de diálogo e participação.

Entre as experiências mais significativas esteve a elaboração do repertório trabalhado pela turma. Inicialmente imaginei que bastaria selecionar músicas adequadas ao nível técnico dos estudantes. No entanto, ao longo das aulas percebi que o repertório assumia um papel muito mais amplo, funcionando como elemento motivador, articulador da aprendizagem e

espaço para o desenvolvimento da prática coletiva. A escolha da canção *Murucututu*[1] exemplificou esse processo. Para que todos os estudantes pudessem participar da execução, tornou-se necessário adaptar tonalidades, reorganizar linhas melódicas, distribuir funções entre os instrumentos e elaborar pequenas modificações no arranjo original. Essa experiência fez com que eu compreendesse que a seleção do repertório constitui também uma decisão pedagógica, uma vez que envolve conhecer as possibilidades técnicas da turma e criar condições para que todos participem do fazer musical.

Ao longo do semestre, percebi mudanças não apenas no desenvolvimento dos estudantes, mas também na maneira como passei a compreender a docência. Situações que inicialmente geravam insegurança passaram a ser enfrentadas com maior tranquilidade, resultado da experiência acumulada, das discussões com os professores orientadores e da observação constante das respostas da turma. Passei a perceber que ensinar envolve muito mais do que transmitir conhecimentos; significa criar oportunidades para que os estudantes experimentem, escutem, dialoguem, errem, reconstruam e atribuam sentido às suas aprendizagens.

Essa compreensão aproximou-se dos saberes experienciais discutidos por Tardif (2014), ao evidenciar que parte significativa da aprendizagem docente ocorre no próprio exercício da profissão. Muitas das decisões tomadas durante o semestre não estavam previstas em livros ou planejamentos iniciais, mas surgiram das necessidades concretas observadas durante as aulas. Da mesma forma, a experiência extensionista reforçou a compreensão da extensão universitária como espaço privilegiado de formação inicial, no qual teoria e prática deixam de ocupar posições isoladas e passam a dialogar continuamente.

Ao final desse percurso, compreendi que minha atuação na EMUS ultrapassou a aprendizagem de técnicas de ensino coletivo de instrumentos. A experiência possibilitou desenvolver autonomia para planejar aulas, adaptar estratégias metodológicas, construir repertórios, dialogar com os estudantes e refletir criticamente sobre minha própria prática. Mais do que aprender a ensinar instrumentos musicais, aprendi que a docência é construída

[1] Canção do folclore/domínio público, JOLY, Lucas. Murucututu. In: JOLY, Ilza Zenker Leme. No encanto dos passarinhos: canções para cantar, dançar, tocar e brincar. São Carlos: EdUFSCar, 2022

diariamente, por meio das experiências vividas, das relações estabelecidas com os estudantes e da permanente disposição para aprender com a própria prática.

Reflexões e Resultados

Ao longa da jornada junto a turma de ensino coletivo de sopros evidenciou que a formação docente ultrapassa a apropriação de conteúdos pedagógicos e metodológicos discutidos na graduação. Ao assumir responsabilidades relacionadas ao planejamento, condução das aulas e acompanhamento dos estudantes, tornou-se possível compreender que a docência se constitui em um processo permanente de aprendizagem, no qual teoria e prática estabelecem relações contínuas de complementação em que o diálogo e avaliação do processo são constantes. Muitas das situações vivenciadas ao longo do semestre não estavam previstas inicialmente, exigindo adaptações constantes, reorganização das atividades e tomada de decisões fundamentadas nas necessidades apresentadas pelos estudantes, assim cabendo realizar mudanças na prática docente.

Entre os principais resultados observados destaca-se o desenvolvimento da autonomia pedagógica visto nos textos de Paulo Freire (1987). A necessidade de planejar aulas, elaborar estratégias para uma turma heterogênea e adaptar atividades durante sua realização favoreceu a construção de uma postura mais investigativa diante da prática docente. Em vez de compreender o planejamento como um roteiro fixo, a experiência permitiu reconhecer seu caráter dinâmico, sendo continuamente reformulado a partir das respostas da própria turma.

Outro aspecto significativo refere-se à compreensão do ensino coletivo como espaço de aprendizagem compartilhada. A convivência entre estudantes com diferentes idades, instrumentos e níveis de conhecimento demonstrou que o processo de ensino não acontece exclusivamente na relação entre professor e aluno, mas também nas interações estabelecidas entre os próprios participantes. As trocas de experiências, a observação mútua e o apoio entre os estudantes favoreceram um ambiente colaborativo de aprendizagem, aproximando-se da concepção de ensino coletivo defendida por Cruvinel (2005;2017), na qual o grupo assume papel ativo na construção do conhecimento musical.

As rodas de conversa realizadas durante o planejamento e ao longo das aulas também contribuíram para ressignificar a relação entre professor e estudante que é vista no texto de

Joel Barbosa (2006). Ao considerar os interesses, expectativas e dificuldades apresentados pela turma, o planejamento deixou de ser construído exclusivamente pelo professor, passando a incorporar as experiências dos participantes. Essa postura aproxima-se da perspectiva dialógica proposta por Freire (1987), ao compreender o processo educativo como uma construção coletiva baseada na escuta, no diálogo e na participação ativa dos sujeitos.

A construção do repertório revelou-se outro importante resultado pedagógico da experiência. Inicialmente compreendido apenas como material para o desenvolvimento técnico dos estudantes, o repertório passou a ser entendido como elemento organizador das aprendizagens musicais. A necessidade de adaptar tonalidades, distribuir funções entre os instrumentos e elaborar arranjos acessíveis fez com que sua seleção deixasse de ser apenas uma decisão artística para assumir também um caráter pedagógico. Essa experiência dialoga com as reflexões de Fernando Vieira da Cruz e Cardoso (2020), ao compreender o repertório como um mediador entre os conhecimentos musicais, os interesses dos estudantes e os objetivos educacionais.

Do ponto de vista da formação docente, as experiências vivenciadas reafirmam a compreensão de Tardif (2014) de que os saberes do professor são construídos na articulação entre conhecimentos acadêmicos e experiências concretas de ensino. Diversas decisões tomadas durante o semestre surgiram das situações enfrentadas no cotidiano da sala de aula, evidenciando que parte significativa da aprendizagem docente ocorre durante o exercício da própria prática. Nesse sentido, as dificuldades inicialmente percebidas deixaram de representar obstáculos e passaram a constituir oportunidades de desenvolvimento profissional.

Os resultados observados permitem compreender a extensão universitária como um espaço privilegiado para a formação inicial de professores de música. Diferentemente de contextos exclusivamente simulados, a atuação junto à comunidade possibilitou vivenciar desafios reais relacionados ao planejamento, à mediação pedagógica, à organização do ensino coletivo e à reflexão sobre a prática. Ao mesmo tempo em que contribuiu para a aprendizagem musical dos participantes do projeto, a experiência favoreceu a construção da identidade docente da licencianda, fortalecendo sua autonomia, sua capacidade de reflexão e sua compreensão do papel social da educação musical.

Mais do que aprender procedimentos metodológicos específicos para o ensino coletivo de instrumentos, a experiência permitiu compreender que ensinar música significa construir relações humanas mediadas pela escuta, pelo diálogo, pela colaboração e pela sensibilidade diante das necessidades dos estudantes. Nesse sentido, a atuação na EMUS reafirma o potencial da extensão universitária como um espaço de integração entre universidade e sociedade e como um importante ambiente de formação de futuros educadores musicais.

Considerações Finais

A experiência desenvolvida na turma de ensino coletivo de sopros da EMUS possibilitou compreender que a formação docente se constrói para além dos conhecimentos discutidos nas disciplinas da graduação. A inserção em um contexto real de ensino evidenciou que o exercício da docência envolve processos permanentes de planejamento, observação, escuta, tomada de decisões e reflexão sobre a própria prática, aspectos que dificilmente poderiam ser compreendidos apenas em contextos teóricos.

Ao longo do semestre, os desafios relacionados à condução de uma turma heterogênea, ao planejamento das atividades, à adaptação do repertório e ao acompanhamento de estudantes com diferentes trajetórias musicais deixaram de representar apenas dificuldades e passaram a constituir importantes oportunidades de aprendizagem profissional. A cada encontro tornou-se mais evidente que ensinar música significa estabelecer relações de diálogo, criar estratégias que favoreçam a participação dos estudantes e compreender que o processo educativo é construído coletivamente.

A atuação na extensão universitária também evidenciou seu papel como espaço de aproximação entre universidade e comunidade. Ao mesmo tempo em que o projeto amplia o acesso ao ensino de música para diferentes públicos, proporciona aos licenciandos experiências concretas de docência que contribuem significativamente para a construção de sua identidade profissional. Nesse sentido, a extensão deixa de ser apenas uma atividade complementar e assume papel formativo essencial na preparação de futuros educadores musicais.

Sob a perspectiva da licencianda, esta experiência representou um importante momento de transformação. Mais do que aprender procedimentos relacionados ao ensino coletivo de instrumentos, foi possível desenvolver autonomia para planejar, adaptar metodologias, dialogar com os estudantes e compreender que a docência se constrói continuamente a partir das experiências vividas e da reflexão crítica sobre elas. A convivência com a turma permitiu reconhecer que o professor também aprende durante o processo de ensinar e que cada desafio enfrentado amplia sua compreensão sobre o fazer pedagógico.

Por fim, espera-se que este relato contribua para ampliar as discussões sobre a importância da extensão universitária na formação inicial de professores de música, evidenciando o potencial do ensino coletivo de instrumentos como espaço de aprendizagem musical, desenvolvimento profissional e construção de práticas pedagógicas comprometidas com a participação, a colaboração e a formação humana.

Referências

BARBOSA, Joel. Rodas de Conversa na Prática do Ensino Coletivo de Bandas. In: Anais do II ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Goiânia: 2006.

CRUVINEL, Flavia Maria. Educação Musical e Transformação Social: uma experiência com o ensino coletivo de cordas. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

CRUVINEL, Flavia Maria. Ensino Coletivo de Instrumento Musical como Educação Popular: alguns apontamentos. In: LOPES, Eduardo (Org.). Tópicos de pesquisa para a aprendizagem do instrumento musical. Goiânia: Kelps, 2017.

DA CRUZ, Fernando Vieira; CARDOSO, Rafael. Banda de música e repertório: potencializando o ensino musical. Anais do XIII Encontro de Educação Musical da Unicamp, Campinas, 2020.

DA CRUZ, Fernando; SOARES DA COSTA SILVA, Juliana; FRANCISCO IPÓLITO, Luiz (ORG.). Bandas de Música: intersecções históricas, identitárias e educacionais. [s.l.] : Editora CLAEC,2022. Disponível em: https://publicar.claec.org/editora/catalog/book/70. Acesso em: 22 set. 2026.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.